

# PENSANDO O SENTIDO DA ESCOLA (PÚBLICA) A PARTIR DE UMA CONFIGURAÇÃO DO TIPO ESTABELECIDOS-OUTSIDERS<sup>1</sup>

**Thinking about the meaning of school (public) from a setting of type insiders-outsiders**

**Pensar el significado de la escuela (pública) en una configuración del tipo establecidos-outsiders**

Lucas Facundo Krotsch\*

---

**RESUMO:** Este artigo propõe tipologias para se pensar os sentidos da escola ou os sentidos do escolar. Proponho três tipos de sentido: o sentido aristocrático, o sentido democrático e o sentido demagógico. Cada um resulta em um determinado modelo de se pensar e construir nossas instituições escolares. O ensaio de Norbert Elias, Os estabelecidos e os outsiders, foi fundamental para as reflexões sobre tais tipologias. Uma escola inclusiva e verdadeiramente democrática necessita ser pensada a partir dessas perspectivas. Como mencionado neste artigo “os sentidos da educação devem ser buscados a partir das relações entre os grupos. É dizer que, se deve considerar como os indivíduos ressignificam o social. Neste ponto os sentidos não implicam uma construção e identificação coletiva”.

---

**Palavras-chave:** escola; relação social; forasteiros.

**ABSTRACT:** The article proposes to think a typology of senses of the school or senses of the school thing. They propose three types of sense: the aristocratic sense, the democratic sense and the demagogic sense. Each of these senses a certain model implies of thinking and constructing our school institutions. The test of Norbert Elias, Insiders and Outsiders has been an input to base to think the notable typology. An inclusive and really democratic school needs to be thought from perspectives. As it distinguishes itself in the same article, "the senses of the education must be looked to dividing in the relations between groups. That is to say, they must be looked on the basis of considering how the individuals re-mean the social thing. In this point the senses are not such but they imply a construction and collective identification.

---

**Keywords:** school; social relation; outsiders.

---

<sup>1</sup> Tradução: Cindy Romualdo Souza Gomes. Pedagoga e Mestre em Educação pela UFGD e membro do Grupo de Pesquisa “Educação e Processo Civilizador” da mesma instituição.

\* Doutor em Ciencia Política pela Universidad de Barcelona. Contato: Salguero 1921 PB 1 (1425) Ciudad Autónoma de Buenos Aires/Argentina. E-mail: lkrotsch@gmail.com.

**RESUMEN:** El artículo se propone pensar una tipología de sentidos de la escuela o sentidos de lo escolar. Se proponen tres tipos de sentidos: el sentido aristocrático, el sentido democrático y el sentido demagógico. Cada uno de estos sentidos implica un modelo determinado de pensar y construir nuestras instituciones escolares. El ensayo de Norbert Elias, establecidos y Outsiders ha sido un insumo fundamental para pensar la tipología señalada. Una escuela inclusiva y verdaderamente democrática necesita ser pensada desde perspectivas. Como se señala en el mismo artículo, “los sentidos de la educación deben buscarse a partir en las relaciones entre grupos. Es decir, deben buscarse en base a considerar cómo los individuos resignifican lo social. En este punto los sentidos no son tales sino implican una construcción e identificación colectiva”.

---

**Palabras-clave:** escuela; relaciones sociales; forasteros.

## INTRODUÇÃO

Seria mais pertinente indagar como foi que surgiu no mundo o hábito de perceber as pessoas com outra cor de pele como pertencentes a um grupo diferente. Esse problema coloca prontamente em foco o longo processo durante o qual os grupos humanos se desenvolveram em diferentes partes da Terra, adaptaram-se a condições físicas diferentes e, mais tarde, após longos períodos de isolamento, entraram em contato uns com os outros, não raro como conquistadores e conquistados e, portanto, dentro de uma mesma sociedade<sup>2</sup>

Este trabalho é uma continuação do que foi apresentado no XII Simpósio Processos Civilizadores, realizado em Recife em 2009. Apresentação essa intitulada de “Sentidos da educação desde a escola: uma proposta de análise a partir de alguns conceitos de Norbert Elias”.

No referido trabalho foi proposto de modo incipiente uma tipologia de sentidos da escola ou sentidos do escolar. Aqui será feito, desta vez, o aprofundamento sobre aquela classificação composta por três tipos de sentido: o sentido aristocrático, o sentido democrático e o sentido demagógico<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Elias, Norbert (1998) Ensaio teórico sobre as relações entre estabelecidos e outsiders. In. Norbert Elias, *La civilización de los padres y otros ensayos* (p. 131-132). Bogotá: Grupo Editorial Norma. Na edição brasileira, essa citação encontra-se na página 46. ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/ Norbert Elias e John L. Scotson. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

<sup>3</sup> Em trabalhos passados denominei este sentido, como sendo populista. Por ter o termo populista um conceito controverso, decidi trocar por um mais próximo ao que busco expressar.

As reflexões aqui apresentadas surgem no contexto do projeto UBACyt<sup>4</sup>, que investiga sobre a violência escolar, sob a coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carina Kaplan.

Ainda sabendo que forçarei as noções de estabelecidos e outsiders de Norbert Elias, tratarei de pensar tal metáfora no quadro do contexto escolar com a intenção de continuar com a consolidação dos tipos ideais apresentados, no já mencionado simpósio. Como assinalei na referida apresentação,

[...] é importante marcar que se consideramos a escola como uma instituição do Estado que alguma vez teve como sentido concreto gerar uma consciência nacional e com isso cumprir uma função particular, neste processo de monopolização do poder, por parte do Estado, hoje pareceria produzir um processo de desintegração (descivilizador) desse processo civilizatório. A escola hoje já não alcança impor esse sentido, pelo menos não o faz com a intensidade de antes. Outras instituições surgiram para competir com a escola. O estado já não monopoliza a construção de um sentido único. Os sentidos se fragmentam e com isso as “relações mútuas”, mencionadas por Elias, adquirem significação em **configurações**, também cada vez mais múltiplas e complexas. (KROTSCH, 2009).

Desta maneira o conceito de configuração é fundamental para abordar as diferentes construções de sentido que podemos encontrar em sociedades altamente distintas como as que vivemos atualmente. O que segue, são apenas propostas para se começar a pensar e processar.

Sem dúvida, o projeto nacional de educação da geração de 80 na Argentina, foi considerado por seus mentores, como um projeto “superior” que buscava retirar da barbárie a grande parte da população. A partir desta premissa sustento que os sentidos assinalados mais adiante definem as relações do tipo estabelecidos-outsideers. Como apontado, por Elias:

[...] a estigmatização dos outsiders exhibe traços comuns numa vasta gama de configurações de estabelecidos-outsideers. A anomia talvez seja a censura mais freqüente a lhes ser feita; repetidamente, constata-se que outsiders são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros. (ELIAS, 1998, p.97)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Nota da tradutora: Tal projeto “aprofunda a discussão do enfoque histórico e sociológico de Elias e suas implicações para a investigação educativa, especificamente em suas conexões com as temáticas da constituição dos sujeitos, a produção das instituições e as transformações culturais”. PROYECTO UBACyt. Disponível em: <<http://www.noveduc.com/index.php>>. Acesso em: 20 ago. de 2011.

<sup>5</sup> Nota da tradutora: Na edição brasileira, essa citação encontra-se na página 27. ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/ Norbert Elias e John L. Scotson. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

Neste contexto, cabe questionar quem foi estabelecido e quem foi outsider entre “nossa” oligarquia europeizada, “nosso” povo a europeizar ou “nossos” índios, os poucos que ficaram depois da guerra do Paraguai. Na realidade a construção nacional ocorreu a partir da luta iniciada por um grupo para afirmar-se como estabelecido em um território que tinha como estabelecidos originalmente outro grupo. Esta foi a luta entre quem teria o poder de impor a cultura legítima e quem não teria o que assimilar.

Quando para um grupo este projeto implicava a abertura de um processo civilizatório para outro grupo representava o contrário. Por tanto, para entender este processo se faz imprescindível definir sua configuração. Para defini-la, considero úteis os conceitos de estabelecidos e outsiders, pois ajuda a compreender a relação entre os grupos de diferentes perspectivas. Entendo que sempre a relação entre grupos é, em termos de estabelecidos e outsiders, firmadas nas diferenças de percepções de si mesmo e dos outros.

A formulação das tipologias de sentido oligárquico, sentido democrático e sentido demagógico possuem como objetivo estabelecer configurações sobre o sentido atribuído à educação em um determinado território, determinando a relação de poder que se dá entre estes grupos em um dado espaço. Cada um dos tipos de sentido define-se da seguinte maneira:

a) **Sentido aristocrático:**

Relação de autoridade vertical. Correspondência entre o sentido que conforma e oficializa o programa institucional e o sentido que os atores atribuem à instituição que abriga esse programa institucional. Configurações macro. Normalmente as análises de grandes configurações simplificam a realidade (como o mesmo “tipo ideal”) e com isto se convertem em fontes perpetuadoras de desigualdades. Totalizador/estigmatizador/ homogeneizador.

b) **Sentido democrático:**

Relação horizontal com a autoridade. A construção de sentido baseia-se na proximidade da relação entre a autoridade e o sentido. Configurações micro. Flexibilidade e reconhecimento das diferenças. Programas institucionais contextualizados. Compreensivo com legitimidade derivada do sentido desestigmatizador/ pluralista.

c) **Sentido demagógico:**

Autoridade difusa ou de baixa intensidade. É confusa e de autoridade ambivalente. Relação contraditória quanto o respeito e reconhecimento do significado (por exemplo, a não incompatibilidade

entre a teoria e a prática). Este sentido estaria entre o aristocrático e o democrático.

Na tabela abaixo, sistematizei o tipo de relação, situação e poder que implica cada um dos sentidos definidos.

<b>SENTIDO</b>	<b>RELAÇÃO</b>	<b>SITUAÇÃO</b>	<b>PODER</b>
Oligárquico	Estabelecidos → Outsiders	Indiferença – Velada Configurações reducionistas. Análises reducionistas a respeito da complexidade social.	Vertical - Definido
Democrático	Estabelecidos ↔ Outsiders	Velada/exposição (reflexivo). Configurações complexas. Análises complexas.	Vertical - Definido
Demagógico	Estabelecidos ↔ Outsiders(*)	Velada	Vertical - Indefinido

(\*) Negação da relação de desigualdade que o sentido contribui em reproduzir.

Considero importante para a Ciência Política e por extensão ao resto das ciências que lançam mão de conceitualizações relevantes, estender a noção de poder, dominação e obediência à circunstâncias mais complexas/subjetivas que aquelas determinadas pela posse ou não de instrumento de submissão como podem ser as armas.

A capacidade de impor significados (violência simbólica de Bourdieu) também implica em situações relacionadas com o poder, a dominação e a violência. Inclusive é de conhecimento que a dominação mais propriamente efetiva é aquela que não se vincula com uma relação desigual de poder como o que se poderia distinguir claramente entre um homem que possui uma arma de fogo e um que não possui.

A situação de dominação e obediência neste caso é instável, por sua vez quando esta passa por canais simbólicos de imposição de sentido a relação tende a estabilizar-se. Este tipo de questão tem sido amplamente trabalhado de formas desconexas entre disciplinas das ciências sociais. O que determina o poder entre grupos superiores ou inferiores?

[...] os grupos mais poderosos, na totalidade desses casos, vêm-se como pessoas “melhores”, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros. Mais ainda, em todos esses casos, os indivíduos “superiores” podem fazer com que os próprios indivíduos

inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes – julgando-se humanamente inferiores. (ELIAS, 1998, p.82)<sup>6</sup>.

Quem possui o controle do Estado “crê” que através do mandato deve cumprir-lo. Este mandato é o de civilizar. É nesta relação unidirecional como foi pensada a função educadora do Estado que serviu para dotá-lo de legitimidade nacional. É uma visão que atende a uma situação de desequilíbrio existente que deve ser corrigido, uma heterogeneidade que deve ser homogeneizada. Esta é a visão tradicional da escola que temos alimentado a visão oligárquica ou aristocrática.

Elias estabelece o que parece ser uma regularidade universal de toda figuração estabelecidos-outsiders:

[...] o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores: excluía todos os membros do outro grupo do contato social não profissional com seus próprios membros; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa [...], no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas [...] contra suspeitos de transgressão social. (ELIAS, 1998, p.83-84)<sup>7</sup>.

É interessante trabalhar a seguinte ideia: no caso sobre o que pretendi refletir, não busco esclarecer quem estaria no lugar dos estabelecidos e quem estaria no lugar dos outsiders. Na realidade este é um lugar que se acredita e recria conforme as situações e configurações específicas.

Se para a geração da década de 80 a escola pública foi pensada como instituição de veiculação do sentido de nação, hoje a situação não é a mesma. Parece que o processo de crescente individualização, assinalada somente por Norbert Elias não apenas por cientistas sociais das mais diversas correntes, leva cada vez mais a prescindir de instituições públicas de imposição de significados comuns.

Desta maneira é o mesmo Estado que é colocado em questão enquanto órgão que concentra os interesses de uma determinada sociedade ficando desvelada sua morfologia corporativa.

Assim podemos arriscar uma hipótese a respeito da escola pública: na medida em que este processo se aprofunda na escola pública, cada vez mais uma escola de outsiders deixará de ter sentido para os estabelecidos. Deste meu posicionamento ideológico, o sentido demagógico é o sentido através do qual a construção de um “nós” amplo vai progressivamente se restringindo. Em contraste, o significado

---

<sup>6</sup> Nota da tradutora: Na edição brasileira, essa citação encontra-se na página 20 (idem).

<sup>7</sup> Nota da tradutora: Na edição brasileira, essa citação encontra-se na página 20 (idem).

“oligárquico” reproduz a fragmentação entre “nós” e os “outros” e o democrático elimina a dicotomia reconhecendo o “nós” pelo pertencimento a espécie (humana), não a cultura, o demagógico, em transformação, oculta dificultando a resolução das contradições de sentido.

Dos três tipos ideais apresentados, o primeiro (aristocrático) e o terceiro (demagógico) respondem a uma figuração de estabelecidos e outsiders. Por sua parte, o tipo ideal “democrático”, elimina tal situação. Outra hipótese que se pode propor aqui, é que nossos sistemas educativos não recriam sentidos diferentes a partir de quem transita nestes espaços, mas sim buscam impor sentidos que, definitivamente, terminam sendo funcionais dentre processos de exclusão e estigmatização ou ainda em um processo de “sócio-dinâmica da estigmatização”.

Os dois tipos ideais extremos, o aristocrático e o demagógico, implicam em uma balança desigual de poder entre os grupos interrelacionados. No caso do tipo ideal democrático é muito difícil identificar elementos a partir dos quais se pode estabelecer este poder desigual. Este tipo ideal se converte assim, em duplamente ideal: é ao que mais desejaríamos nos aproximar, ao mesmo tempo em que, como tipo ideal, não é mais que hipotético.

Tanto o tipo oligárquico como os efeitos populistas produzem, como bem descritos por Pierre Bourdieu e Passeron, em “A Reprodução” ou em “Os herdeiros”, por exemplo. São modelos que reproduzem as desigualdades. Em um sentido parecido Elias destaca que:

Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, com o meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. (ELIAS, 1998, p.90)<sup>8</sup>.

Um dos paradoxos de nossa independência é que esta não implicou na derrota sobre os outsiders vindos da Europa, mas seu triunfo e seu repentino reposicionamento como estabelecidos. Inclusive poderei supor que o triunfo com a independência foi a instauração do projeto da modernidade tardia sobre o “novo mundo”. Um novo mundo, um mundo outsider a ser civilizado. Um mundo, selvagem a ser domesticado.

Assim, as novas instituições foram implantadas na América e com elas implantadas seus residentes originais. Não se tratava de instituições novas com nova classe dirigente, mas sim se tratava de instituições e dirigências dotadas de poder suficiente para estabelecer-se de modo

---

<sup>8</sup> Nota da tradutora: Na edição brasileira, essa citação encontra-se na página 24 (idem).

característico de quem é estabelecido e não como em sua realidade de outsider. Logo o poder institucional instaurou a violência simbólica necessária para escamotear esta contradição.

Surge então, o que Elias considera central na relação entre estabelecidos e outsiders:

[...] um grupo tem um índice de coesão mais alto do que o outro essa integração diferencial contribui substancialmente para seu excedente de poder; sua maior coesão permite que esse grupo reserve para seus membros as posições sociais com potencial de poder mais elevado e de outro tipo, o que vem reforçar sua coesão, e excluir dessas posições os membros dos outros grupos – o que constitui, essencialmente, o que se pretende dizer ao falar de uma figuração estabelecidos-outsidere. (ELIAS, 1998, p.87)<sup>9</sup>.

Este grupo por meio do poder adquirido com a consolidação do Estado, progressivamente, segue descivilizando a visão simbólica que se tem sobre quem compunha o grupo original de estabelecidos. Aqueles passam, por sua vez, a serem considerados como selvagens a civilizar. O projeto oligárquico se estabelece sobre este princípio.

Como observa Elias a respeito da estigmatização dos estabelecidos sobre os outsiders e suas próprias imagens, os

[...] grupos estabelecidos tendem a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção “pior” – de sua minoria “anômica”. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar mais “nômico” ou normativo – na minoria de seus “melhores” membros. (ELIAS, 1998, p.88)<sup>10</sup>.

Elias reconhece a contribuição de Marx a respeito dos efeitos que a posse de meio de produção, mas assinala que os objetos humanos não mais além desta relação: “A principal privação sofrida pelo grupo outsider não é a privação de alimento. Que nome devemos dar-lhe? Privação de valor? De sentido? De amor-próprio e auto-respeito?”. (ELIAS, 1998, p.111)<sup>11</sup>. Aqui posso, novamente, fazer referência à Bourdieu e Passeron:

Mas nem todos os estudantes mantem a manipulação como sua condição atual de uma relação de igualdade, porque o futuro não é igualmente irreal, indeterminado ou desencantado para todos. A distância a respeito do projeto racional é função das possibilidades objetivas do futuro mais intensamente esperado. As possibilidades diferem

---

<sup>9</sup> Nota da tradutora: Na edição brasileira, essa citação encontra-se na página 22 (idem).

<sup>10</sup> Nota da tradutora: Na edição brasileira, essa citação encontra-se nas páginas 22-23 (idem).

<sup>11</sup> Nota da tradutora: Na edição brasileira, essa citação encontra-se na página 35 (idem).

fortemente segundo a natureza profissional e segundo a situação atual de cada categoria de estudantes frente ao futuro ansiado. (BOURDIEU; PASSERON, 2003, p.89).

Nas palavras de Elias: “A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido.” (ELIAS, 1998, p.111)<sup>12</sup>. E continua dizendo,

Muitas questões diferentes podem expor às claras as tensões e conflitos entre estabelecidos e outsiders. No fundo porém, todas são lutas para modificar o equilíbrio do poder; como tal, podem ir desde os cabos-de-guerra silenciosos que se ocultam sob a cooperação rotineira entre os dois grupos, num contexto de desigualdades instituídas, até as lutas francas pela mudança do quadro institucional que encarna esses diferenciais de poder e as desigualdades que lhes são concomitantes. Seja qual for o caso, os grupos outsiders (enquanto permanecem totalmente intimidados) exercem pressões tácitas ou agem abertamente no sentido de reduzir os diferenciais de poder responsáveis por sua situação inferior, ao passo que os grupos estabelecidos fazem a mesma coisa em prol da preservação ou aumento desses diferenciais. (ELIAS, 1998, p.115-116).<sup>13</sup>

A escola, melhor dizendo as instituições educativas em seu conjunto, são fundamentais na luta para ampliar ou reduzir as diferenças de poder. Pensar estes âmbitos como figurações de estabelecidos e outsiders serve, aos menos, como uma espécie de “vigilância epistemológica”, no sentido que, o que temos nestes contextos, são objetivações diversas sobre o processo que estas instituições perpetuam. Considerar a escola a partir desta perspectiva não implica desconsiderar os significados já existentes. Implica fazer ecoar esses significados que são múltiplos e que sem dúvida estão construídos em relação ao sentido aristocrático com “outros” sentidos. Questionar sobre estes “outros” sentidos não significa negar a mesma escola, mas sim retornar aos sentidos legítimos.

Excepcionalmente tal grau de “vigilância epistemológica” revela que somos nós mesmos, desde o próprio rigor da ciência, os primeiros estabelecidos. A partir desse lugar definimos o mundo social a qual pertence essa dicotomia. No entanto, quando alcançada esta compreensão, o mundo se desencanta. As relações de poder nos parecem com toda sua complexidade deixando ao descoberto o que temos de outsiders.

---

<sup>12</sup> Nota da tradutora: Na edição brasileira, essa citação encontra-se na página 35 (idem).

<sup>13</sup> Nota da tradutora: Na edição brasileira, essa citação encontra-se na página 37 (idem).

O que quero dizer com isto de nos sentimos mais outsiders? Não é tão simples de explicar, porém tentarei. A crença ao pertencimento ao grupo dos estabelecidos não poderia sustentar-se tão facilmente se esta não fosse fundamentalmente inconsciente. Por outra parte, sempre o saber legítimo é o saber estabelecido (em uma configuração determinada) e, sempre o é, frente ao saber outsider ou ilegítimo. O saber, como é compreendido faz tempo, é poder, mas o é, sobretudo, na medida em que não reflete o que se baseia esse poder ou que outros saberes anulam para fazer dele, o poder legítimo, o poder estabelecido. A escola oligárquica, a família oligárquica ou a universidade oligárquica não só não questiona o poder que reproduz como também sobre todas as demais situações evita reflexões sobre a fonte de tal poder. O poder dos estabelecidos baseia-se, sobretudo, no não reconhecimento dos outsiders enquanto possuidores de sentidos legítimos.

Ao questionar um aluno sobre qual o sentido que ele tem para si sobre sua escola, a resposta será uma reprodução de significado que negará um sentido próprio: é, em princípio, o efeito da efetivação da violência simbólica que faz desse sentido o sentido estabelecido. Frente à semelhante efetividade este tipo de indagação deve ser rigorosamente trabalhado, por exemplo, em grupos focais, por meio de sentidos tensões subjacentes, laterais. Seguramente os sentidos da escola são encontrados longe do “senso comum”, é dizer longe do “cinturão protetor” (conceito de Lakatos) que o senso comum é o sentido legítimo do sentido estabelecido. Indagar sobre o significado de outsiders seguramente não será mais que indagar sobre nossos próprios sentidos reprimidos pelo senso comum. Quero ressaltar a seguinte consideração de Elias,

Portanto, perde-se a chave do problema que costuma ser discutido em categorias como a de “preconceito social” quando ela é exclusivamente buscada na estrutura de personalidade dos indivíduos. Ela só pode ser encontrada ao se considerar a figuração formada pelos dois (ou mais) grupos implicados ou, em outras palavras, a natureza de sua interdependência. (ELIAS, 1998, p.89).<sup>14</sup>

Esta questão assinalada por Elias por base para o que quero expressar neste trabalho. Os sentidos da educação devem ser buscados nas relações entre grupos. Devem considerar como os indivíduos ressignificam o social. Neste ponto os sentidos não são tais como implicaria uma construção e identificação coletiva.

Estabelecer quais aportes puderam fazer desta linha de investigação mais descritiva e geral é dizer que, investigar os sentidos a partir desta tipologia, deveria ter alguma relação para apontar sobre o estudo da violência escolar.

---

<sup>14</sup>Nota da tradutora: Na edição brasileira, essa citação encontra-se na página 23 (idem).

## EM BUSCA DE UM SIGNIFICADO DEMOCRÁTICO DA EDUCAÇÃO

A tensão entre o eu e nós é de velha data para as ciências sociais. Norbert Elias não deixa de considerá-la em seus trabalhos. De fato, estabelecidos e outsiders poderiam perfeitamente se converter em uma metáfora desta tensão. O processo civilizatório do ocidente foi sempre considerado em uma direção, mencionada durante este texto ao fazer alusão ao sentido oligárquico. A visão que os estabelecidos têm de si mesmos pode claramente ser assimilado a uma visão egocêntrica e, a partir desta, a estigmatização do outro.

O Ocidente, e tudo o que foi cooptado busca ser sinônimo de homogeneidade em termos de identidade. Mas o processo de globalização acelerada das últimas décadas mais a consciência de proposta emancipatória inacabadas, nem por isso, esquecidas, tem revivido a necessidade de lutar por critérios efetivamente democráticos a respeito das identidades culturais. Isto pode ser caracterizado como parte do processo civilizatório ou descivilizatório, como a emergência de novos sentidos ou da crise de sentido, ou em verdade, ambas as coisas talvez.

### REFERÊNCIAS

BERGER, P. y LUCKMANN., T. *Modernidad, pluralismo y crisis de sentido*. Barcelona: Paidós. 1987.

BOURDIEU, P. y Passeron, J.C. *Los herederos: los estudiantes y la cultura*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

ELIAS, N. *La sociedad de los individuos*. Barcelona: Península/ideas, 1990.

\_\_\_\_\_. Ensayo teórico sobre las relaciones entre establecidos y marginados. In.: ELIAS, N. *La civilización de los padres y otros ensayos*. Bogotá: Grupo editorial Norma, 1998.

ELIAS, N & SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar, 2000.

HEINICH, N. *Norbert Elias: Historia y cultura en occidente*. Buenos Aires: Editorial Nueva Visión, 1999.

SENNETT, R. *La autoridad*. Madrid: Alianza Editorial, 1982.